



Estado Islâmico: muito além do “grande terror” *The Islamic State: beyond the “great terror”*

Entrevista a *Rodrigo Wolff Apolloni**

O deslocamento forçado de milhões de pessoas por conta de uma guerra aparentemente sem fim na Síria e no Iraque, a destruição sistemática de tesouros arqueológicos, a execução “midiática” de prisioneiros e a imposição de penas excruciantes a opositores transformaram o Estado Islâmico (EI) em uma espécie de “representação máxima” do terror contemporâneo de base religiosa.

Se, por um lado, essa representação faz sentido (a violência perpetrada pelo EI, afinal, é real), por outro ela é perigosa por seu potencial de contaminação das representações médias do Islã, que passa a ser visto por muitos como uma religião “violenta”, “primitiva” ou “incompatível” com o século XXI. Ela é perigosa, também, por dificultar uma leitura mais complexa do próprio Estado Islâmico, que assume contornos quase mitológicos de poder e más intenções em detrimento das muitas características capazes de fornecer informações mais fidedignas e relevantes a seu respeito.

Nesta entrevista, o pesquisador Frank Usarski (PUC-SP)** aborda aspectos relacionados à configuração histórica e teológica do Estado Islâmico, examina as respostas ao fundamentalismo violento dentro do próprio Islã e as formas de enfrentamento do problema da atração de jovens para as fileiras do EI.

REVER - *Uma representação comum no Ocidente é a de que os muçulmanos são, necessariamente, violentos, de que a violência faz parte do cânone religioso islâmico. A pergunta é: o discurso corânico é mais violento que o das outras religiões do Livro? Ou o problema diz respeito a uma leitura literal ou anacrônica do Alcorão?*

FRANK USARSKI - Como outras fontes religiosas redigidas séculos atrás, o Corão é ambivalente em diversas das suas afirmações. Isso vale também para o tema da violência. Neste caso, a ambivalência tem a ver com dois fatores inter-relacionados. Primeiro, no livro sagrado dos muçulmanos encontram-se tanto versículos em que ações violentas são apresentadas como medidas legítimas em prol da expansão do Islã quanto citações que incentivam uma atitude pacifista. Um exemplo para a primeira categoria é o quinto versículo da nona sura, que diz: *“E, quando os meses sagrados passarem, matai os ídólatras, onde quer que os encontréis”*. Um trecho a favor da paz é a frase *“Quem mata uma pessoa, sem que esta haja matado outro ou semeado corrupção na terra, será como se matasse todos os homens”* (Corão 5: 32). Outro fator responsável pela ambivalência das afirmações corânicas sobre o tema tem a ver com a sensibilidade histórica dos

* Rodrigo Wolff Apolloni (rwapolloni@gmail.com) é jornalista, mestre em Ciência da Religião pela PUC-SP e doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

** Frank Usarski (usarski@pucsp.br) é livre docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

exegetas de versículos relevantes. Frases altamente problemáticas do ponto de vista de hoje foram formuladas diante de uma situação do conflito entre Mohammed e seus seguidores, por um lado, e seus adversários, por outro lado. Esses conflitos foram contextualizados em uma ética tribal aparentemente áspera que se tinha formado durante séculos na busca da sobrevivência de membros do próprio clã em um meio ambiente extremamente inóspito. Quanto mais um exegeta islâmico contemporâneo estiver disposto a levar as constelações na Península Arábica da primeira parte do século VII em consideração e tomá-las como constitutivas para o conteúdo dos versículos, maior será a tendência de interpretar os versículos como expressão de uma preocupação temporária e não como uma diretriz divina universalmente válida e aplicável sob quaisquer circunstâncias.

REVER - *A “solução pelas armas” é um ponto comum no discurso entre os grupos fundamentalistas. No caso de cristãos, judeus e muçulmanos, que outros pontos comuns, discursivos e teológicos, podem ser encontrados?*

USARSKI - No discurso público, o termo “fundamentalismo” é usado de maneira inflacionária. Especialistas são mais cuidadosos, salientam o caráter difuso da expressão. O sociólogo britânico David Martin, por exemplo, apropria-se do conceito de “semelhanças de famílias” para salientar que as tendências identificadas como “fundamentalistas” não cabem a uma classe de fenômenos nitidamente definidos. As correntes assim chamadas não são caracterizadas por um conjunto de “n” elementos comuns a todos os movimentos em questão. Em vez disso, trata-se de fenômenos que se sobrepõem em alguns pontos específicos e estas convergências são variáveis dependentes de quais grupos “fundamentalistas” são comparados entre si. Algumas dessas semelhanças de família são as seguintes: fundamentalistas mostram a tendência de entender seus respectivos textos sagrados ao pé da letra. A leitura absolutamente fiel às palavras fornece uma cosmovisão fechada e promove diretrizes supostamente inequívocas de ação. Outro aspecto é a rejeição de considerar a religião como algo privado. Fundamentalistas, portanto, mostram esforços de moldar a vida pública de acordo com suas convicções religiosas. Em casos extremos, estes esforços culminam na tentativa de estabelecer uma teocracia. Uma vez que o mundo secular resiste a esses esforços, o fundamentalismo tem uma inclinação para o fanatismo no sentido de uma insistência incomum em seus objetivos e uma opção para medidas drásticas em prol da realização dos ideais propagados. Em alguns casos falta apenas um passo para decisão de resolver o conflito com o ambiente social “hostil” pelas armas. Porém, é importante lembrar que o termo “fundamentalismo” não é idêntico à ideia de um “terrorismo bélico”. O último é uma das manifestações possíveis, todavia, ao lado de articulações fundamentalistas muito mais brandas.

REVER - *Para o público ocidental, a guerra do Estado Islâmico tem um forte componente de “Cruzada”. Para além desse conflito “Ocidente x Oriente”, porém, há uma questão muito séria envolvendo xiitas e sunitas. Ele se acirrou agora, ou massacres desse tipo existiram desde a cisão entre os seguidores do Profeta? Existe algum tipo de fórum de diálogo entre as partes? Nunca houve um esforço verdadeiro no sentido de superação do problema?*

FRANK USARSKI - A organização fundamentalista chamado “Estado Islâmico” foi fundada em 2004 por um círculo de extremistas sunitas que pertencia originalmente à Al-Qaeda. O grupo tem o objetivo de estabelecer um califado em um território atualmente dividido entre Síria, Líbano, Israel, Palestina e Jordânia. O plano de criar um Estado Islâmico é um resultado de atividades extremistas de movimentos que se formaram a partir dos anos 1990 em países como Afeganistão, Paquistão e Jordânia em oposição à guerra dos EUA contra o Iraque. A facção mais conhecida neste contexto era a organização sunita Al-Qaeda. As ações militares contra as ativistas do Estado Islâmico envolvem forças de diferentes origens e interesses. Ao lado de tropas ocidentais, há milícias sunitas não fundamentalistas oriundas de diversos países da região e apoiadas pelo governo da Arábia Saudita. Simultaneamente engajam-se xiitas e curdos no conflito, particularmente na Síria e no Iraque. Para os xiitas, trata-se de continuidade de uma luta que move o mundo islâmico desde o cisma devido à questão da sucessão política do Profeta e da rejeição dos xiitas em aceitar os três primeiros califas reconhecidos como legítimos apenas pelos sunitas. Alguns governos do Oriente Médio têm instrumentalizado esse conflito tradicional jogando uns contra os outros para evitar que grupos singulares acumulassem poder e ameaçassem a integridade do Estado. A guerra civil em torno do Estado Islâmico na Síria e no Iraque segue a mesma lógica.

Quanto à questão sobre esforço para a superação da dicotomia entre sunitas e xiitas, vale lembrar a chamada “Mensagem de Amán”. Esse documento, assinado por 552 eruditos e personalidades islâmicos, foi lançado em 9 de novembro de 2004 como resultado de uma iniciativa muçulmana promovida pelo rei da Jordânia, Abdullah II. Entre outros pontos, o documento exige tolerância e unidade no mundo islâmico. Em julho de 2005, inspirados pela “Mensagem de Amán”, 200 teólogos islâmicos oriundos de mais que 50 países promulgaram uma declaração composta por três pontos, exigindo: a) - o reconhecimento mútuo de todas as escolas jurídicas do Islã; b) - o fim da estigmatização de membros de outras correntes islâmicas como apóstatas; e c) - a superação da prática de declarar muçulmanos de outras linhas infiéis. No mesmo espírito, outros eventos seguiram, por exemplo o diálogo entre sunitas e xiitas no chamado “Fórum de Rodos”, dedicado à busca para soluções de conflitos intraislâmicos em andamento. Esses exemplos comprovam a preocupação de líderes muçulmanos com a fragmentação do Islã e a hostilidade entre seus correntes principais. É difícil avaliar até que ponto declarações do tipo citado têm um efeito pacificador sobre o dia-a-dia de muçulmanos comuns.

REVER - *Voltando às representações ocidentais do Islã: as pessoas têm a impressão de que os muçulmanos toleram a violência de seus pares fundamentalistas, ou de que agem muito pouco no sentido de resolver a questão de dentro para fora. Essa visão procede? Que tipo de ação os próprios muçulmanos promovem para tentar frear o fundamentalismo?*

FRANK USARSKI - Apesar de a mídia ocidental ser mais interessada em reportagens sensacionalistas que confirmam o senso comum pejorativo referente ao Islã, há inúmeras reações de muçulmanos contra tendências fundamentalistas na própria religião. Vou

¹ Outros nomes: Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL) e Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EiIS). Em árabe, ad-Dawlat al-Islāmiyah fī al-‘Irāq wa sh-Shām (الدولة الإسلامية العراقية في العراق والشام, Da’ish ou Daesh). Em inglês, Islamic State of Iraq and the Levant (ISIL) ou Islamic State of Iraq and Syria (ISIS).

chamara atenção para apenas quatro exemplos: para começar, pode-se citar novamente a “Mensagem de Amán” como exemplo, uma vez que ela contém parágrafos que se direcionam explicitamente ao extremismo islâmico e contém o apelo de abster de atitudes radicais em nome do Islã. No Canadá existe a ONG Muçulmanos contra o Terrorismo (Muslims against Terrorism), fundada em 11 de janeiro de 1998 e que se orgulha de ser a primeira associação muçulmana no mundo com o objetivo de alertar para os perigos dos atos extremistas e de unir as pessoas para acabar com o terrorismo. Há uma iniciativa semelhante na Alemanha denominada “Muçulmanos contra o Terror” (Muslime gegen Terror), que organiza manifestações públicas contra o extremismo islâmico e se oferece como plataforma de diferentes associações islâmicas preocupadas com as agressões e hostilidades cometidas em nome de Allah. Outro exemplo é a Coalisão Muçulmana para a Paz (Muslim Peace Coalition), que representa apenas um segmento do conjunto de iniciativas afins fundadas nos Estados Unidos após os atentados de 11 de setembro de 2001. O grupo opõe-se veementemente contra a guerra e o terrorismo.

REVER - *Quais seriam, na sua avaliação, as estratégias religiosas mais adequadas para desconstruir ou para prevenir a radicalização da fé, especialmente entre os mais jovens?*

FRANK USARSKI - Tenho simpatia pelo chamado paradigma “construtivista”, cujos representantes questionam a pertinência do paradigma “primordialista” que atribui a violência em âmbitos religiosos ou sua ausência ao caráter inerente de uma religião em questão. Deste ponto de vista, há religiões essencialmente mais violentas do que outras. Em oposição a essa hipótese, construtivistas salientam dois aspectos. Primeiro, traços de violência se encontram em virtualmente todas as religiões, inclusive naquelas publicamente apreciadas por sua atitude pacífica, como o Budismo. Segundo, mais importantes do que o patrimônio antigo espiritual fixado em livros sagrados são as retóricas de representantes atuais das religiões interessados na interpretação particular da herança religiosa de uma tradição em uma ou outra direção. No caso do Islã, a questão crucial neste sentido é: o conteúdo ambíguo do Corão é explorado por quem e com que espírito? A leitura tendenciosa serve aos interesses de fundamentalistas ou às ambições de forças islâmicas moderadas? Tendo esta problemática em mente, considero essencial uma sensibilização de autoridades locais do Islã para sua responsabilidade espiritual e para a reputação da própria religião do ponto de vista do público mundial. É o momento para fortalecer uma exegese que salienta o lado pacífico do Islã e a contribuição que essa religião pode oferecer para o bem-estar da humanidade. É importante superar a sensação de inferioridade que tomou posse do mundo islâmico desde a derrota do Império Otomano e o reconhecimento do atraso tecnológico do mundo islâmico em comparação com o Ocidente. O jovem muçulmano tem que aprender que há “n” motivos de se orgulhar do Islã, do fato de que seus 2,5 bilhões de aderentes em todos os continentes façam com que ele seja a segunda maior religião mundo em termos estatísticos, dos seus eruditos, teólogos e filósofos, da sua arte, da espiritualidade cotidiana e disciplina dos seus fiéis, de uma ética que exige solidariedade com pobres e órfãos, de um sistema econômico que supera a frieza do capitalismo, motivado pelo lucro a qualquer custo.

REVER - *Em um sistema teocrático como o pregado pelo Estado Islâmico, qual a extensão do poder dos clérigos? Como eles se organizam? O poder está concentrado em uma única pessoa, ou as decisões nascem de conselhos religiosos? Quem, enfim, faz a exegese do Alcorão e a aplica aos fatos concretos do cotidiano?*

FRANK USARSKI - Não existem informações oficiais sobre a estrutura da organização Estado Islâmico (EI). O que se sabe vem de relatórios de agentes de serviços secretos e publicações de cientistas ocidentais especializadas em questões relativas ao terrorismo. Tais fontes não contêm dados seguros sobre a cúpula do EI. Um nome frequentemente citado neste sentido é o do líder do grupo, Ibrahim al Badri, nascido 1971 em Samarra, Iraque. Dentro do EI, al Badri é mais conhecido por seu nome de guerra, Abu Bakr al-Bhagdadi. A designação alude ao sogro de Mohamed e primeiro califa Abu Bakr, e sugere que al Badri tenha nascido em Bagdá. Desde a proclamação do califado do Estado Islâmico em junho de 2014, seus seguidores passaram a chamá-lo Califa Ibrahim. Conforme o conceito do califado, al Badri ocupa o topo da hierarquia de poder. Abaixo desse nível encontram-se dois vice-líderes, Abu Ali al-Anbari, na Síria, e – até sua morte, em dezembro de 2014 – Abu Muslim al-Turkmani, no Iraque. Ainda não está claro se a posição deixada por al-Turkmani foi preenchido. Ambos os vice-líderes são apoiados por “governadores”, provavelmente cinco na Síria e sete no Iraque. O nível operacional, localizado abaixo da cúpula composta pelo “califa”, seus dois representantes nacionais e os governadores, é composto por uma série de grêmios consultivos. O conselho de liderança, na maioria composto por veteranos de guerra e iraquianos que ocupavam altos cargos no governo de Saddam Hussain, toma todas as decisões importantes no Estado Islâmico e as submete a aprovação de al Badri. O conselho financeiro coordena a comercialização do petróleo e o negócio com armas. Cruciais no sentido da pergunta “quem faz a exegese do Alcorão e a aplica aos fatos concretos do cotidiano?” são o conselho *shura* e o conselho jurídico. O primeiro é composto por especialistas na lei islâmica que apoiam o conselho da liderança em questões religiosas e militares. O segundo entra em ação em caso de brigas familiares e transgressões da lei islâmica. Além disso, ele decide sobre o destino de reféns.

REVER - *A guerra na Síria promoveu o deslocamento de milhões de pessoas – fala-se em 11 milhões desde o início do conflito, 50% da população -, muitas das quais para os países europeus. Que tipo de efeito esse deslocamento forçado pode ter nas relações entre cristãos e muçulmanos na própria Europa? Teremos uma Europa mais muçulmana?*

FRANK USARSKI - A pergunta aponta para uma problemática dramática tanto em termos quantitativos e administrativos quanto em termos ideológicos e políticos. Entre janeiro e agosto de 2015, mais que 350 mil migrantes cruzaram as fronteiras dos países que assinaram o acordo de Schengen [que estabelece uma área de livre circulação entre os países membros da União Europeia mais a Suíça, a Islândia e a Noruega]. Uma boa parte da população da União Europeia se assusta com esse volume. As instâncias responsáveis pela organização desse fluxo declaram-se sobrecarregadas e sinalizam que a capacidade logística chegou ao fim. Conforme previsões, 800 mil homens e mulheres pedirão asilo na Alemanha em 2015, o país atualmente mais comprometido com a recepção dos deslocados pela guerra. Muitos deles são muçulmanos que aumentarão significativamente o número de mais de quatro milhões de muçulmanos já presentes na

Alemanha antes do início da onda atual de migrantes do Oriente Médio. É obvio que essa dinâmica tem um impacto significativo sobre a composição étnica e cultural dos países europeus. Críticos não se contentam com a advertência do risco da desintegração da população, mas contam com a possibilidade da infiltração maciça de extremistas, inclusive milícias associados ao Estado islâmico.

REVER - *Por fim: O uso da decapitação e da lapidação (apedrejamento) como formas de execução possui algum fundamento religioso, ou é apenas uma ferramenta de intimidação?*

FRANK USARSKI - A lapidação, enquanto forma de execução de inimigos do Islã, não é legalizada pelo Corão. Na Sunna, isto é, a segunda fonte de referência para a lei islâmica, a lapidação é mencionada como possível penalidade em casos de adultério. Porém, há um rito que faz parte das observâncias a serem realizadas durante a Hajj (a peregrinação à Meca), que, devido às suas implicações metafóricas, é relevante em termos da sua pergunta: trata-se do apedrejamento do diabo simbolizado por três estelas de 25 metros de altura cada, que são alvo de sete pedras jogadas pelo peregrino. Com um bom grau de fantasia maldosa e a associação de um inimigo a uma força satânica, a lapidação aparece no horizonte do espectro das medidas que extremistas aplicam para castigar seus oponentes. Quanto à decapitação, vale lembrar o seguinte: há um trecho do Corão que está aberto a uma interpretação a favor da decapitação de inimigos sob certas circunstâncias, porém não especificadas. São algumas frases do versículo quatro da Sura 47, cuja tradução em português diz: “Quando deparardes, em combate, os que renegam a Fé, golpeai-lhes os pescoços, até quando os dizimardes, então acorrentai-os firmemente. Depois, ou fazer-lhes mercê, ou aceitar-lhes resgate, até que a guerra deponha.” É importante salientar que a leitura tendenciosa desse versículo na busca de uma legitimação de formas drásticas de acabar com a vida de um refém não muçulmano está em alta tensão com a exegese da tradição jurídica predominante. Por isso, a brutalidade com a qual os extremistas do Estado Islâmico tratam abertamente seus inimigos é tão chocante para a grande maioria dos muçulmanos como para o público ocidental. Os “funcionários” do Estado islâmico contam com exatamente este efeito.

Recebido: 10/10/2015

Aprovado: 21/10/2015